

**CONSCIENTIZAÇÃO OU CRIMINALIZAÇÃO?  
UMA ANÁLISE  
DE CAMPANHAS DE COMBATE ÀS DROGAS DA BAHIA**

*Nadia de Jesus Santos* (UNEB)

[nadiadejesusantos@gmail.com](mailto:nadiadejesusantos@gmail.com)

*Gilberto Nazareno Telles Sobral* (UNEB)

**RESUMO**

O número de usuários de drogas ilícitas no Brasil tem aumentado consideravelmente. Diante disso, muito se tem discutido sobre as estratégias utilizadas pelo poder público na tentativa de sanar o problema. O uso abusivo de drogas é caracterizado, muitas vezes, como um problema de caráter individual, porém não se pode deixar de levar em consideração que o uso destas substâncias, em determinados casos, pode estar relacionado à ausência familiar. Dessa forma, de acordo com Emília Viotti da Costa (1990), observa-se assim que a toxicomania não está restrita apenas ao campo individual, mas refere-se a uma questão familiar também. Este artigo faz uma análise discursiva de uma campanha de combate e prevenção às drogas realizada pelo Governo do Estado da Bahia. A partir de pressupostos teóricos da análise de discurso de Michel Pêcheux, foi possível identificar um discurso de criminalização nas campanhas analisadas. Conforme Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, 2009, a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada- ou seja, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura sócio histórica dada- determina o que pode e deve ser dito. Neste sentido, percebe-se inicialmente uma Formação discursiva repressora, afirmando a ideia de que os usuários são inimigos da sociedade e de qualquer forma devem ser afastados, pois representam perigo. Nesta posição ideológica não se leva em consideração a origem social, problemas pessoais e econômicos, por exemplo, que levaram algumas pessoas ao vício das drogas ilícitas. E esses efeitos de sentidos são materializados na linguagem.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Propaganda. Drogas

**1. Introdução**

Explicar o sentido da palavra droga não é uma tarefa simples. No período da Grécia Antiga, droga era chamada “pharmakon”, possuindo dois significados: remédio e veneno. Em latim era chamado "drogia", no irânico "daruk", e árabe "durâwa". Na Holanda antiga, surgiu a expressão mais aceita de droga, qual seja, "droog", que, traduzida para o português, significa folha seca. Independente do conceito, as drogas, atualmente, estão presentes entre todas as classes sociais, sendo que “invadiu” várias famílias brasileiras sem escolha de condição social.

A relação estabelecida entre a sociedade brasileira e as drogas é bastante complexa, levando em consideração as circunstâncias culturais, históricas, políticas e econômicas que norteiam a problemática. O uso de drogas está sempre relacionado à criminalidade.

De acordo com o Observatório Brasileiro de Informação sobre as Drogas, o número de usuários e dependentes químicos só tem aumentado no país. Com isso, travam-se discussões e elaboram-se estratégias para diminuir a oferta e uso das mesmas.

O Brasil possui um Sistema Nacional de Políticas Sobre Drogas – SISNAD –, formado pela Lei n. 11.343, de 22 de agosto de 2006, que estabelece medidas para prevenção do uso indevido de drogas. E, atualmente, a campanha publicitária tem sido uma das ferramentas utilizadas pelos gestores municipais e estaduais na tentativa de sanar o problema.

Ao pensar em texto publicitário, surge uma dúvida em relação ao conceito de publicidade e propaganda. No Brasil e em alguns países de língua latina, elas são usadas indistintamente, porém nem sempre foram utilizadas como sinônimos, conforme Armando Sant'Anna evidencia:

A palavra publicidade significa, genericamente, divulgar, tornar público, e propaganda compreende a ideia de implantar, de incluir uma ideia, uma crença na mente alheia. Comercialmente falando, anunciar visa promover vendas e para vender é necessário, na maior parte dos casos, implantar na mente da massa uma ideia sobre o produto. Todavia em virtude da origem eclesástica da palavra, muitos preferem usar publicidade, ao invés de propaganda; contudo hoje ambas as palavras são usadas indistintamente. (SANT'ANNA, 1998, p. 75)

Portanto, utilizaremos neste estudo os dois termos indistintamente.

O Governo do Estado da Bahia tem desenvolvido algumas ações para combate e prevenção às drogas. Dentre elas, estão propagandas que circulam na capital e em várias cidades do interior baiano. Este artigo faz uma análise de algumas peças da campanha “Crack é cadeia ou caixão” realizada pelo Governo do Estado da Bahia em 2010, e tem como objetivo identificar a formação discursiva que permeia as peças selecionadas e os efeitos de sentidos materializados nos dizeres do Governador do Estado da época, Jaques Wagner. A análise é feita a partir do aporte teórico da análise de discurso de Michel Pêcheux e o resultado da mesma pode trazer contribuições significativas para as pesquisas em linguagens.

No período de lançamento da campanha, a Secretaria de Segurança Pública da Bahia – SSP havia divulgado dados que mostravam o crescimento da violência urbana na Bahia. O número de homicídios, por exemplo, havia aumentado 50%. Diante disso, o governador chegou a promover uma mudança em toda a Secretaria de Segurança Pública.

## 2. *Análise de discurso de linha francesa*

A análise de discurso é uma das disciplinas que se ocupam da linguagem. Surgiu na França, no final da década 1960, e rapidamente ultrapassou as fronteiras francesas. O filósofo Michel Pêcheux é o fundador da disciplina e utilizou como suporte teórico a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico. Conforme Maria do Rosário Gregolin (2001, p. 3)

Na linguística, com a problematização do corte saussuriano, dando a Saussure o lugar de fundador da linguística como ciência e retomando a sua ideia de “real da língua” na noção de sistema; mas ao mesmo tempo, centralizando a análise semântica, com a ideia da não-transparência do sentido, da não-reflexividade entre signo/mundo/homem. No materialismo histórico, por meio da releitura althusseriana de Marx, com a ideia de que há um real da história que não é transparente para o sujeito, pois ele é assujeitado pela ideologia. Na psicanálise, por meio da releitura lacaniana Freud, com a ideia do sujeito na sua relação com o simbólico, pensando inconsciente como estruturado por uma linguagem.

A partir de críticas e indagações a estas três linhas do conhecimento, surgiu o objeto de estudo da análise de discurso. A análise de discurso não trata da língua, da sua estrutura sintática nem morfológica, embora se interesse por estas coisas. Como o próprio nome já diz, seu objeto de estudo é o discurso. Segundo Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi 2005, etimologicamente a palavra discurso tem a ideia curso, percurso e movimento. E o discurso nesta perspectiva teórica não é fala, capacidade de verbalização, de explicitação verbal. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2005, p. 15), explica que:

O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

O surgimento das teorias do discurso desencadeou uma revisão dos fundamentos da linguística estruturalista, que vê a língua como um sistema de regras formais e fechado e acredita ser possível formular e preestabelecer os sentidos em uma sentença. Ao refutar este pensamento

e afirmar que o sentido não está na estrutura, mas dentro das formações discursivas, Michel Pêcheux estabelece uma relação entre os aspectos extrínsecos à linguagem, para a produção de discursos, e propõe repensar os aspectos históricos sociais de que devem ocupar os estudos sobre a língua e a linguagem.

A teoria do discurso relativizou o conceito de que a língua existe estritamente para a comunicação. Para Michel Pêcheux, a língua não pre-existe à interação sujeito-discurso e não deve ser entendida como um simples instrumento de comunicação. E mesmo a pragmática sendo vista como um avanço para os estudos linguísticos na época, a análise de discurso surge reformulando a concepção de sujeito compreendida por ela, pois de acordo Palmira Heine (2012, p. 13)

Os estudos pragmáticos consideravam o sujeito na sua perspectiva individual e subjetiva, como se esse fosse marcado pela consciência e intencionalidade completas, ou seja, o sujeito seria dono de si e origem das palavras. Foi a partir da crítica a essa concepção cartesiana de sujeito, que se abriu espaço para o surgimento da análise do discurso de linha francesa, que tem como base linguística a crítica ao estruturalismo. (HEINE, 2012, p. 13)

Ao negar a intencionalidade do sujeito, Michel Pêcheux, na análise de discurso, traz uma concepção de sujeito alinhando o subjetivismo de Jacques Lacan e a ideologia de Louis Althusser. As noções de sujeitos já existentes são claramente retomadas e reformuladas por Michel Pêcheux, e assim aponta para um diferenciado modo de identificação do sujeito, em que estarão sob o processo da linguagem (significante) na interrelação ideológica e na identificação do sujeito como tal.

O inconsciente e a ideologia são distintamente mobilizados, entretanto, juntos irão possibilitar pensar o sujeito enquanto um significante em uma cadeia de significados. Ademais, para a análise de discurso, conforme ressalta Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2005), o sujeito é constituído da relação da linguagem com a ideologia, na relação da língua/história; o indivíduo, quando invocado pela ideologia a ser sujeito do seu dizer, submete-se às determinações da história e da língua, assujeitando-se. Nesta perspectiva, o sujeito não pode ser reduzido como a pessoa que fala “eu falo”, não deve ser entendido como donos do próprio discurso.

A constituição do sujeito está atrelada à história, pois a sua fala é construída a partir de um determinado lugar, espaço, de uma determinada sociedade; são representações históricas e sociais. Dessa forma, como um

ser construído pela sociedade, articula o seu discurso em relação ao discurso do outro.

Com base na teoria aventada, o discurso é visto como um espaço privilegiado de manifestações ideológicas, sendo o sujeito interpelado pela ideologia para reproduzir o que será dito. Diante das relações sociais, resultado das relações de classe, “poderemos falar de uma relação de uma formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como uma força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento”. (PÉCHEUX, 2011, p. 72-73)

Nesta perspectiva, entende-se que a formação ideológica permite a construção de uma ou várias formações discursivas, as quais passam a ser o espaço de formulação do discurso. "A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determina o que pode e deve ser dito". (ORLANDI, 2005, p. 42)

Por consequência, os discursos passam a ter sentidos a partir da inscrição em uma formação discursiva. Sendo que as formações discursivas são sempre representações de formações ideológicas da linguagem.

Segundo Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2005), as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação. A memória também faz parte das condições de produção. Elas podem ser compreendidas a partir de dois aspectos distintos: um mais imediato e outro mais amplo. Em sentido restrito, as condições de produção são as circunstâncias da enunciação já tencionadas como formações imaginárias, é o contexto imediato em que os dizeres foram ou são articulados.

No sentido amplo, abarcam o contexto sócio- histórico, ideológico da produção do discurso. Com isso, as formações imaginárias, no sentido restrito das condições de produção do discurso designam o lugar que o sujeito atribui a si e ao outro, a imagem que tem de seu espaço e a imagem do espaço do outro, ou seja, o sujeito nas formações imaginárias não é um sujeito empírico, é um sujeito ideológico. É a posição do sujeito cogitada no discurso a partir de regras de projeção que permite a passagem da situação empírica para posição ideológica.

Ferreira (2001, p. 13) ressalta que as condições de produção fazem parte da exterioridade da língua e são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso, mantendo com a lin-

guagem uma relação necessária, pois constituem, com ela, o sentido do texto.

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2011, p. 52)

Assim, a memória é um espaço de várias facetas que possibilita, ao mesmo tempo, a repetição dos pré-construído, mas que também se reinventa, desloca e reconstrói mediante um acontecimento que lhe conduz a isso.

Nesta seção foram abordadas algumas noções de análise de discurso que são essenciais para análise do *Corpus*.

### 3. Análise do corpus

Peça 1:



Peça 2:



Tomando o tratamento conceitual da análise de discurso acerca do discurso e formação discursiva, esta seção será dedicada à análise das duas peças identificadas anteriormente, que foram colocadas em diversas cidades da Bahia.

A propaganda de prevenção ao uso das drogas intitulada "Crack é cadeia ou caixão", tratada como bandeira institucional do Governo do Estado da Bahia, teve como objetivo principal alertar a população sobre os riscos e consequências do consumo de drogas, sendo ela destinada, prin-

principalmente para alertar os jovens que ainda não caíram nesta armadilha. Foi produzida e veiculada de diferentes maneiras, um conjunto amplo de peças, em diversos meios de comunicação: internet, jornal, outdoor, busdoor.

Quando lançada, os meios de comunicação do Estado, se mobilizaram em torno da discussão sobre o uso de drogas ilícitas, principalmente, no que diz respeito à prevenção de seu uso. Detiveram-se nos malefícios que a droga provoca, prejuízos que repercutem nos vários âmbitos da vida do dependente. O conjunto de peças é amplo, entretanto, este trabalho restringe-se a fazer a análise de apenas duas peças, que foram alvo de muitas críticas em consequência dos efeitos de sentidos materializados.

Ao analisar a materialização linguística na Peça 1, no dizer “Crack é cadeia ou caixão” identifica-se, na ideia de combate às drogas um discurso de criminalização. E levando em consideração que a propaganda tem a função também de disseminar uma determinada ideologia, o que há dito nas peças em análise não recupera usuário de drogas, ao contrário, continua marginalizando pessoas que sempre viveram à margem da sociedade.

O sentido do discurso é construído a partir da formação discursiva. Conforme Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, 2005, a formação discursiva se define pela formação ideológica, ou seja, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura sócio histórica dada- determina o que pode e deve ser dito. Nesta perspectiva, percebe-se, inicialmente, no discurso analisado, uma formação discursiva repressora, que apresenta os usuários como inimigos da sociedade e que de qualquer forma dela devem ser afastados, pois representam perigo. Em consonância, no enunciado “Sem consumo o tráfico para”, há um não dito de que o usuário é a principal causa para a permanência do tráfico de drogas. Nesta posição ideológica não se leva em consideração a origem social, problemas pessoais e econômicos, por exemplo, que levaram algumas pessoas ao vício a drogas ilícitas.

O mesmo discurso permanece na Peça 2, no dizer “Crack: 80 % dos homicídios”, em que os dependentes químicos são considerados culpados pelo aumento do número de assassinatos na Bahia. Como se se não existissem usuários, os traficantes não teriam para quem vender e o problema estaria resolvido. O sujeito do discurso veiculado nas peças não dá possibilidade de uma reinserção na sociedade dos usuários sem o afasta-

mento imediato do consumo de drogas, no entanto, não apresenta nenhuma medida que possibilite este afastamento.

Nas peças analisadas, o uso abusivo de drogas é caracterizado, muitas vezes, como um problema de caráter individual, sem levar em consideração que os usos destas substâncias, em determinados casos, podem estar relacionados à ausência de estrutura familiar, problemas econômicos e sociais. Dessa forma, de acordo com Emília Viotti da Costa (1990), observa-se assim que a toxicomania não está restrita apenas ao campo individual, mas refere-se a uma questão social também.

A materialização deste discurso criminalizador desencadeou uma série de críticas ao Governo do Estado no período. A população não reagiu bem as peças e diversos comentários e reportagens demonstraram esta insatisfação. Além disso, representantes do poder legislativo e da imprensa baiana fizeram várias críticas a respeito da forma que o assunto foi tratado na campanha.

Daí o governador da época, Jaques Wagner, cedeu entrevista à uma rádio local para explicar o teor da propaganda. Ele disse o seguinte, comparando:

É preciso falar diretamente à juventude. Temos que tratar da descontaminação e, mesmo assim, ainda tem uma grande reincidência. É óbvio que não é só prisão ou morte. Mas, é melhor dizer para um filho para não sair de moto sem capacete do que dizer se você cair eu tenho dinheiro para te levar ao hospital.

Ao tentar explicar, Jaques Wagner na posição social de Governador do Estado, permanece com um discurso de criminalização associado a uma formação discursiva repressora. É colocado como se sair do mundo das drogas fosse algo que depende unicamente do sujeito usuário, simples como a escolha de usar ou não o capacete. A posição social é de quem não conhece a realidade dos usuários, que acredita que a pessoa pode entrar e sair das drogas quando quiser.

#### **4. Considerações finais**

A campanha foi criada em um período em que a população baiana estava cobrando muito do governo uma solução para amenizar o problema da violência urbana na Bahia. Na busca pela segurança exigida pela sociedade, os discursos veiculados nas campanhas demonstram uma pre-

ocupação maior em mostrar a sociedade que o governo tem propostas para reduzir a violência de que recuperar os dependentes químicos.

Com esta busca em diminuir a criminalidade, a propaganda não leva em consideração a realidade social e econômica dos usuários e constrói efeitos de sentidos que os transformam em culpados das mazelas sociais e, principalmente, pelo aumento da criminalidade. O protagonismo das campanhas não é a transformação de vida dos dependentes, a reinserção deles à sociedade. Nas peças analisadas, o sujeito usuário não é vítima de diversos fatores que o levou ao uso de drogas, e sim, culpado.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

BRANDAO, Helena Hathusue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2004.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. *A saúde pública e a defesa da vida*. São Paulo: Hucitec, 1991.

COSTA, Emília Viotti da. Introdução ao Estudo da Emancipação Política. In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.). *Brasil em perspectiva*. 11. ed. São Paulo: DIFEL, 1990, p. 64-125. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/oficinas/historia/versoes/downloads/Emiliaviotti.pdf>.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Olhares oblíquos sobre o sentido no discurso. In: \_\_\_\_; BARONAS, Roberto (Orgs.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001, p. 02-16.

HEINE, Palmira. *Tramas e temas em análise de discurso*. Curitiba: CRV, 2012.

MUSSALIM, Fernanda. Análise de discurso. In: BENTES, Anna Cristina Bentes; MUSSALIM, Fernanda. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. 2. São Paulo: Cortez, 2004, 100-139.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 2011.

SANT'ANNA, Armando. *Propaganda: teoria, técnica e prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998.